

# Pesquisas mostram distância entre pais e escola

*Avaliação realizada em 20 colégios particulares de São Paulo, com 10 mil pais, mostrou que maioria das famílias mal conhece o colégio onde o filho estuda*

GABRIELA ATHIAS

**P**esquisas realizadas com 10 mil pais de 20 escolas particulares de São Paulo indicam que a maioria das famílias mal conhece o colégio onde o filho estuda. Esse distanciamento é ainda maior quando a instituição adota como princípio pedagógico métodos que dispensam ferramentas tradicionais da educação, como lição de casa.

“É impressionante como as escolas não informam os pais sobre o porquê das mudanças”, constata Cláudia Oliveira, de 34 anos, uma das diretoras da Coplanning, a consultoria responsável pelas pesquisas. O psicólogo José Augusto Tavares, de 32 anos, também responsável pela pesquisa, diz que, para as escolas, estabelecer canais de comunicação com os pais é uma “questão de sobrevivência”.

Apesar do distanciamento identificado pela pesquisa, os pais delegam cada vez mais às escolas funções que a princípio deveriam ser assumidas pela família, como a transmissão de valores éticos, morais e até religiosos.

“Os pais ainda são conservadores”, diz Cláudia ao constatar que, para eles, uma “escola puxada” ainda segue o modelo dos colégios em que eles mesmos estudaram. A pesquisa mostra que as famílias sentem-se satisfeitas quando diretores e coordenadores estão presentes nos horários de entrada e saída dos alunos e também quando encontram espaço para apresentar sugestões e críticas.

O caso da lição de casa é exemplar. Para os pais de alunos da 5.<sup>a</sup> à 8.<sup>a</sup> séries de um colégio de classe média no Morumbi (os pesquisadores não quiseram revelar o nome), uma “escola puxada” deve passar trabalhos escolares e obrigar os alunos a horas de estudo em casa. Essa escola adota a linha de aquisição do saber, conhecida como socioconstrutivista, mas a maioria dos pais admitiu conhecer o método apenas “parcialmente”. Eles gostariam de saber mais detalhadamente como o colégio incentiva as “habilidades de criação” dos estudantes e o significado de o aluno ser considerado um

“agente do saber”.

Os conflitos entre pais e escolas tornam-se mais frequentes na medida em que a classe média considera a educação como a principal herança a ser legada aos filhos. As mensalidades são altas, variam de R\$ 300,00 a R\$ 600,00. “Ao pagá-las, os pais reafirmam a opção pela formação dos filhos”, diz Cecília Bottiglieri, uma das coordenadoras da Escola Caravelas, um colégio que elegeu como prioridade a comunicação com os pais.

Clisolda de Araújo, diretora do Colégio Piaget, lembra que antes de se propor a aceitar sugestões e críticas dos pais, as escolas precisavam ter estrutura para dar respostas rápidas a essas famílias. A equipe do Piaget faz pesquisa duas vezes por ano com os pais. Na última, descobriu ter conseguido fazê-los entender que a qualidade das lições que os alunos levam para casa é mais importante do que a quantidade.

“Para nós foi uma vitória, estávamos preocupados com isso”, diz Clisolda. No Piaget, as crianças da 3.<sup>a</sup> série complementam as aulas de matemática na lanchonete, na feira e são convidadas a formular os próprios problemas aritméticos.

O engenheiro mecânico Marcos Toscano, responsável pela área administrativa do Palmares e um dos proprietários da escola, conta que a equipe técnica

aboliu a reunião de pais e mestres, adotou coordenação pedagógica específica para cada série e apostou no atendimento individual. Os alunos dessa escola ficam entre duas e três horas fazendo lição de casa.

João Augusto Vasconcelos e Adriano Caracó, ambos de 13 anos, fazem juntos as lições passadas aos alunos da 7.<sup>a</sup> série do Palmares. Os amigos criaram a “rede telefônica de lição”. São cerca de dez colegas que fazem os exercícios na mesma hora para tirar dúvidas e ajudar uns aos outros na resolução das questões mais difíceis. As lições são passadas até mesmo na véspera das provas mensais. João Augusto não se queixa da quantidade de tarefas, mas se tivesse tempo livre aproveitaria para jogar futebol. “Os exercícios não são novos a ponto de o aluno



José Augusto Tavares e Cláudia M. Oliveira, da Coplanning: conflitos entre pais e escolas são mais frequentes



João Augusto (à esquerda) e Adriano: “rede telefônica de lição” ajuda a tirar dúvidas na hora de fazer as tarefas

não conseguir resolver sozinho, mas tem de quebrar a cabeça”, diz Marcos Toscano, ao explicar que as famílias conhecem a filosofia da escola desde a matrícula.

Geralmente, os problemas de comunicação entre os pais e as esco-

las começam quando, por questão de método, a escola não sobrecarrega na lição e o aluno, já em casa, consegue terminar as tarefas rápido. “A lição de casa deve ser entendida como um complemento do ensino, não como indicativo do de-

sempenho da escola”, diz Cecília.

A Caravelas procura aliar o conteúdo das disciplinas ao fomento da cidadania e da convivência em grupo. “O aluno não precisa ser uma máquina para ter condições de competir”, diz Cecília. Os alu-

nos dessa escola passam em média uma hora por dia fazendo lição. A coordenação acredita que, ao ter tempo livre para diversificar as atividades, os alunos acabam aumentando a capacidade de cognição. Para integrar os pais nessa proposta, um dos recursos adotados pela escola são as “apresentações familiares”, espécie de aula que os alunos ministram às famílias.

Todos os anos, quando os alunos retornam da excursão que fazem a Ouro Preto (MG) para pesquisar história, ciências e geografia apresentam formalmente aos pais o resultado do trabalho. Na pré-escola, quando as crianças fazem projetos, os trabalhos – geralmente livros produzidos pelos alunos – ficam um dia na casa de cada um.

**Valores** – A pesquisa indica que os pais mais presentes são os que têm filhos até a 4.<sup>a</sup> série. “As escolas precisam antecipar-se aos problemas para tentar solucioná-los com os pais”, sugere Cláudia. Apesar de as escolas saberem que a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), recentemente aprovada, interferirá no cotidiano dos alunos, que em muitos casos terão de enfrentar carga horária maior para cumprir as exigências da lei, poucas são as instituições que estão prevenindo os pais sobre essas possíveis mudanças.

Independente de a escola ser tradicional, as equipes técnicas concordam que uma das exigências indicadas pela pesquisa não pode e nem deve ser assumida pelos colégios: a responsabilidade integral pela formação moral do aluno. Chamada a dar consultoria para uma escola adventista, a equipe da Coplanning descobriu que apenas 20% dos alunos matriculados eram de famílias daquela religião. “Os pais estavam em busca de orientação religiosa e moral para os filhos”, diz Cláudia. “A família tem de estar presente na escola”, defende Tavares, do Palmares. Para Cecília, da Caravelas, a escola pode intervir na atuação do aluno em relação ao grupo, mas é uma “deturpação” esperar que a escola assuma sozinha a formação moral dos alunos.

Há 22 anos lidando com pais de crianças da pré-escola, a maioria com idades entre 25 e 30 anos, Aparecida Souza, diretora da Criem, impôs limites para separar o papel da escola e o da família: “Nós, por exemplo, não damos banho nas crianças”, diz. No início, as mães reclamavam, mas, segundo ela, acabaram entendendo que o objetivo da escola é estimular os momentos de intimidade entre pais e filhos.